

**ECONOMIA, POLÍTICA E DEPENDÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DO ESTADO E DA SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NO CAPITALISMO DEPENDENTE [ADRIANO NASCIMENTO; ELAINE NUNES; THAYS FIDELIS (ORG.)]**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i1.49084>

Karina Fernandes de Oliveira<sup>1</sup>

Título: Economia, política e dependência: contribuições para análise do estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente

Organização: Adriano Nascimento, Elaine Nunes e Thays Fidelis

Cidade e editora: Maceió: Edufal

Ano de publicação: 2020

Páginas: 303

Neste brilhante livro sobre economia, política e dependência os/as leitores/as irão se deparar com onze textos, quinze autores e ao menos três gerações de escritores. História. Estrutura. América Latina. Dependência. Marxismo. São esses os temas-chave com que abro a resenha deste livro que, em pouco mais de 300 páginas e um compilado de artigos, traz contribuições essenciais para o avanço da crítica latino-americana tanto nas ciências sociais aplicadas quanto no marxismo em si.

Se as determinações mais essenciais do ser social constituem o fundamento da guerra de classes, desvendar teoricamente essas determinações é uma das tarefas mais prementes da atualidade brasileira e latino-americana – que vem se complexificando a passos galopantes. Os últimos vinte anos foram marcados por intensas contradições. Em alguns casos, como Brasil e Argentina, governos de cunho progressista e desenvolvimentista contaram com uma configuração favorável da acumulação de capital no plano internacional e encabeçaram uma estratégia democrático-popular em sua gestão. Outros países, como Venezuela e Bolívia, se atreveram na busca por um projeto anticapitalista e, mesmo com intensas tentativas de golpe de estado (na Bolívia, realizado), persistem no poder político enquanto maioria organizada e mobilizada. Um terceiro grupo de países, por sua vez, seguiu com governos de direita, com muitos traços conservadores, e passou as duas primeiras décadas dos anos 2000 sem mudanças substanciais do poder político.

Mesmo com o retrato acima exposto estando incompleto em sua caracterização e diversidade política, o que podemos ressaltar é que a realidade da América Latina hoje, em 2022, é marcada por um quadro de extrema vulnerabilidade econômica, social e política. Golpes de Estado; retirada de direitos; genocídio da população negra, indígena e periférica; aumento do feminicídio e avanço – mais recente – da extrema direita com características fascistas, principalmente após a vitória em 2018 do presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, nos demonstram concretamente a perversidade na qual estamos inseridos/as.

Nos últimos dois anos, a pandemia da covid-19 contribuiu para o enraizamento da crise estrutural do capital datada da primeira década dos anos 2000. As atuais gerações estão marcadas pelo caos na saúde pública, aumento do desemprego, informalidade e superexploração do trabalho.

No conhecimento teórico e crítico pulsa a necessidade de conexão entre passado e presente para que seja possível gerar novas sínteses e contribuições para o futuro. Essa é a nossa tarefa. Este é o nosso momento. No prefácio deste livro, realizado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina Machado Gouvêa, as e os leitores poderão compreender este chamado, quando ainda nas primeiras páginas do livro explicita-se que é “nossa a história do marxismo e há que se lutar pelo marxismo que queremos. O materialismo histórico-dialético não deve ser feito só de abstração, mas também de síntese” (GOUVEA, 2020, p. 13).

É nesta chave de compreensão sobre os gargalos da América Latina, tanto teóricos quanto políticos e materiais, que se apresenta este livro, organizado por Adriano Nascimento, Dr. em Ciência Política e professor da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Thays Fidelis, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e professora substituta da UFAL e Elaine Nunes, Dr<sup>a</sup>. em Serviço Social pela UERJ e professora da Faculdade de Serviço Social da UFAL.

Composto por onze artigos, os/as organizadores/as optaram por realizar um recorrido teórico e histórico da teoria marxista da dependência (TMD) – espinha dorsal de todas as leituras –, brindando-nos com análises desde os considerados “clássicos da dependência” (Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos), que escreveram suas contribuições em meados do século XX, até nomes recentes e expoentes do debate do século XXI, como os/as próprios/as organizadores/as. O marco circunscrito neste livro é este: diferentes gerações e sínteses; dependência e a teoria marxista latino-americana.

Essa vertente interpretativa da realidade econômica e social latino-americana foi desenvolvida principalmente a partir da década de 1960, e atribuiu o conceito de “dependência” como categoria analítico-explicativa chave para a compreensão das particularidades da região<sup>2</sup>. Em sua interpretação, existiria na periferia do sistema capitalista uma forma *sui generis* de desenvolvimento, baseada na transferência de valor e compensada no plano interno da produção mediante a superexploração da força de trabalho, para superar as desvantagens na produção e comércio mundial. Este escopo interpretativo da realidade latino-americana vem sendo retomado com força na atualidade, principalmente após 2010, tendo estado presente em diversos trabalhos acadêmicos e, em menor medida, em programas de partidos e organizações políticas revolucionárias.

Sendo a dependência estruturada a partir de determinações que atuam em todos os eixos de dominação na América Latina, que se penetram e se enraízam nas imposições mais essenciais do modo de produção capitalista, nada mais urgente e necessário que se debruchar sobre:

a) o papel do Estado no capitalismo dependente e suas aparições de caráter fascista, presente nos artigos: “O Estado de contrainsurgência” de Ruy Mauro Marini, “Socialismo e Fascismo na América Latina hoje” de Theotônio dos Santos e “A particularidade do Estado dependente em Ruy Mauro Marini” de Adriano Nascimento e Gabriel Magalhães;

b) o balanço da teoria marxista da dependência e sua atualidade para a continuidade da compreensão da América Latina, evidenciado em “O Capitalismo Dependente Latino-Americano e sua teoria crítica: uma

tentativa preliminar de balanço” de Vânia Bambirra, “A atualidade da teoria marxista da dependência” de Adriano Nascimento e Zilas Nogueira e “A lei geral da acumulação capitalista e sua particularidade em condições de dependência latino-americana”, de Adriano Nascimento e Thays Fidelis;

c) temas considerados mais contemporâneos, como financeirização da agricultura, renda da terra, internacionalização de empresas e condições de saúde dos/as trabalhadores/as devido à superexploração da força de trabalho, presentes nos trabalhos “Renda da terra e a financeirização da agricultura brasileira” de Elaine Nunes Silva Fernandes e Franqueline Terto dos Santos, “A internacionalização da Odebrecht no capitalismo dependente brasileiro” de José Humberto Silva Filho, “Superexploração da força de trabalho e saúde: uma aproximação ao debate” de Ana Maria Moura Araujo e Diego de Oliveira Souza, “Burguesia interna e capitalismo dependente: uma reflexão a partir dos casos argentino e brasileiro” de Danilo Enrico Martuscelli e “Revolução Passiva e Dependência no Brasil” de Luciana Aliaga e Fernanda Peres Maranhão.

O primeiro trabalho apresentado, “O Estado de contrainsurgência”, é tradução inédita do artigo de um grande expoente da TMD, Ruy Mauro Marini, realizado no México em 1978. Na análise, o autor expõe o debate sobre a caracterização dos regimes políticos das décadas de 1960 e 1970 em países da América Latina como governos de tipo fascista ou contrarrevolucionário, que teriam surgido no continente devido ao avanço da organização e mobilização popular. A partir disso, atribui três vertentes para essa transformação continental que desembocou em ditaduras em grande parte dos países:

A primeira seria “a mudança de estratégia global norte-americana, que opera no final dos anos 1950 e início dos 1960, e é implementada decididamente pelo governo Kennedy” (MARINI, [1978] 2020, p. 27), a segunda é “a transformação estrutural das burguesias nativas [criollas], que tende a se traduzir em modificações do bloco político dominante” (p. 29) e a terceira é “o ascenso do movimento de massas, ao qual a burguesia teve que enfrentar no curso dos anos 1960” (p. 30). Por fim, o autor indica que este Estado de contrainsurgência por ele caracterizado passaria a uma nova fase naquele período, tendo as Forças Armadas atuando como um quarto poder que direcionaria o aparelho estatal.

A atualidade deste artigo, principalmente após a vitória da extrema direita no Brasil em 2018 demonstra o quanto a caracterização do Estado dependente latino-americano é chave para a definição de táticas e estratégias que visem a sua superação. Este mesmo tema está presente no segundo artigo do livro, intitulado “Socialismo e Fascismo na América Latina hoje” de Theotônio dos Santos, datado do ano de 1977, que busca analisar a diferenciação dos governos fascistas latino-americanos, em comparação com o europeu. Para o autor,

A ameaça do fascismo se converteu no problema político fundamental da América Latina. Nos países sob ditaduras militares, a questão principal é impedir sua consolidação frente às massas e conseguir mobilizá-las para provocar sua queda utilizando todos os meios à disposição do movimento popular. Nos países onde persistem condições liberais, a tarefa principal é impedir pela firme ação das massas que as vacilações e debilidades liberais abram mais uma vez caminho à vitória dos setores fascistas, alentados pelo imperialismo (Dos SANTOS, [1977] 2020, p. 70).

Com isso, Theotônio apresenta um novo caráter estruturante da dependência latino-americana, colocando em contraponto a necessidade da luta proletária antifascista para barrar o avanço dessa expressão política.

O próximo estudo encerra a coletânea dos clássicos da dependência e é apresentado por Vânia Bambirra em “O Capitalismo Dependente Latino-Americano e sua teoria crítica: uma tentativa preliminar de balanço”. A autora traz uma reflexão primordial para a disputa teórica da TMD, na qual é a realidade concreta (e não abstrata), que demonstra a validade de qualquer teoria. Busca expor com isso os acertos da teoria marxista da dependência e o quanto isso poderia reverberar em uma “teoria crítica e militante”. Para a autora, a “Teoria da Dependência claramente demonstrou a necessidade histórica do socialismo na América Latina, a existência das condições objetivas para a sua viabilidade” (BAMBIRA, 2020, p. 83).

O quarto trabalho deste livro é de Adriano Nascimento e Zilas Nogueira e serve como uma primeira aproximação dos/as leitores/as à TMD. Através de três pilares da dependência – a) o intercâmbio comercial baseado em trocas desiguais, b) a superexploração do trabalho e c) o atraso tecnológico –, o estudo reflete sobre o Brasil contemporâneo e sobre como a TMD atua enquanto síntese fundamental para sua compreensão.

No quinto artigo temos “A particularidade do Estado dependente em Ruy Mauro Marini”, de Adriano Nascimento e Gabriel Magalhães, que a partir de um recorrido pelas obras de Marini discorrem sobre o papel do Estado dependente latino-americano e as condicionantes específicas de sua prática política. De acordo com os autores:

[...] este Estado não somente tem natureza de classe, tratando-se, portanto, de um Estado burguês, como reflete em si as necessidades iminentes do capitalismo periférico, constituindo-se num agente ativo da reprodução ampliada da superexploração e das necessidades do imperialismo. (NASCIMENTO; MAGALHÃES, 2020, p. 130).

O sexto trabalho é de Thays Fidelis e denomina-se “A lei geral da acumulação capitalista e sua particularidade em condições de dependência latino-americana”. Aborda as relações entre a lei geral da acumulação e seu duplo sentido na formação do valor – composição orgânica e técnica do capital e o ciclo do capital na economia dependente. De acordo com a própria autora, “o esforço se debruçou na dialética entre o interno e o externo dessas relações e os vários níveis de dependência a partir da análise da lei geral da acumulação capitalista e do ciclo do capital nas economias dependentes” (FIDELIS, 2020, p. 164).

A história de invasão colonial na América Latina, tanto na parte hispânica quanto na portuguesa, esteve concentrada na exploração e escravidão de mão de obra indígena e negra junto à usurpação ativa e intensa de recursos e matérias-primas. Nesse sentido, a terra assume historicamente no capitalismo dependente condições especiais que estruturaram e estruturam a posição do continente nas trocas mundiais. Por isso, analisar temas como a financeirização da agricultura e a renda da terra é importantíssimo para o avanço teórico da teoria marxista da Dependência. Elaine Nunes e Franqueline Terto dos Santos nos brindam com uma contribuição circunscrita nesta problemática.

De forma espetacular, o artigo “Renda da terra e a financeirização da agricultura brasileira” aborda esta categoria em Marx, frisando como a terra em “si não se constitui como um meio de produção como outro qualquer, ela é antes de tudo um meio de trabalho que é utilizado para produzir algo que mais tarde se transformará em mercadoria” (FERNANDES; SANTOS, 2020, p. 172) e, como os preços da terra podem chegar a um aumento enorme no decorrer do tempo, admitindo a característica de renda capitalizada, ou seja, uma renda possível de ser convertida em capital. No decorrer do artigo as autoras abordam ainda as

diferenças dentro da categoria renda da terra sob o modo de produção capitalista, especialmente as que ocorrem no campo brasileiro, que

será denominada de diferencial (I e II), se for resultado da concorrência entre produtores capitalistas; renda absoluta da terra se for produto do monopólio; e ainda renda da terra do monopólio, se for resultado do lucro suplementar advindo da elevação do preço de uma determinada mercadoria produzida sob condições naturais, especialmente favoráveis. (FERNANDES; SANTOS, 2020, p. 172)

Por sua vez, essas determinações encontraram respaldo histórico na financeirização da agricultura, iniciada no país em meados da década de 1960 com a “Revolução Verde” e intensificada com a entrada massiva das transnacionais nos últimos 20 anos, que intensificou tanto a concentração de terras, quanto o mercado de grãos, sementes e insumos agrícolas.

Outro tema latente no Brasil contemporâneo que esteve relacionado ao último ciclo político de golpe de Estado refere-se às empresas nacionais e seus distintos graus de interferência no jogo político do país. Neste sentido, “A internacionalização da Odebrecht no capitalismo dependente brasileiro”, de José Humberto Silva Filho aborda o aumento das trocas mundiais e a consequente expansão das atividades de diversas empresas. O trabalho se inicia a partir de um recorrido histórico que relaciona a história da industrialização brasileira, distintos períodos de governo e a empresa Odebrecht. Em seguida, Humberto nos revela a dinâmica dos investimentos externos diretos no mundo e suas relações com o Brasil. Em suas palavras:

Essa expansão dos IEDs [Investimentos externos diretos] alterou substancialmente a dinâmica da economia brasileira, remodelando suas estruturas patrimoniais e comerciais, demandando dos agentes econômicos, estatais e privados novas estratégias para a atuação no mercado. Na perspectiva de uma análise sobre o patrimônio, segundo Sartie Laplane (2003), a internacionalização significou um processo de desnacionalização da economia brasileira, sem a contrapartida proporcional dos investimentos brasileiros no exterior, aprofundando a participação do capital internacional na indústria e em diversos serviços até então controlados por empresas de capital predominantemente nacional, público ou privado (SILVA FILHO, 2020, p. 195-6, acréscimos nossos).

Vale ressaltar que a internacionalização elevou a quantidade de mercadorias de outros países no mercado interno e no processo produtivo, mas isso não se refletiu, proporcionalmente, em aumento das exportações. Isso revela uma característica típica do capitalismo dependente contemporâneo, que é o fortalecimento de empresas estrangeiras em solo nacional e a necessidade de escoamento da produção interna em mercados externos. Por fim, Humberto busca retratar “como uma demanda econômica dos grandes grupos empresariais atuantes no País concretizou-se como política de Estado” (p. 201), ao explicitar como o BNDES “foi o principal meio de materialização das intenções da política industrial” (p. 202), tendo sido realizados montantes de desembolsos do banco à Odebrecht com a finalidade da sua própria transnacionalização.

“Superexploração da força de trabalho e saúde: uma aproximação ao debate”, de Ana Maria Moura Araujo e Diego de Oliveira Souza, é um artigo datado de 2019/2020. Contudo, a partir da pandemia da covid-19, carrega elementos estruturantes sobre as condições de saúde do/a trabalhador/a. Logo no início da análise, autor e autora conectam os/as leitores/as a uma compreensão-chave sobre a saúde coletiva, que

“demarca o caráter social da saúde como processo objetivamente existente e determinado, fundamentalmente, pelas forças produtivas e pelas relações sociais de produção” (ARAUJO; SOUZA, 2020, p. 211). Em seguida, é explicitada a relação entre a superexploração do trabalho e a insuficiência de um consumo básico pelas/os trabalhadoras, ressaltando o quanto a “saúde consiste em um processo social determinado, em última instância, pela categoria trabalho” (p. 227). Ou seja, a condição de vida dos/as trabalhadoras/as é insuficiente à sua própria reposição de energia (descanso e consumo básico).

Os últimos dois artigos, embora não estejam circunscritos dentro da chave analítica da TMD, revelam temas latentes e muito tratados em todo o continente. O primeiro, de Danilo Martuscelli, trata da burguesia interna do Brasil e Argentina e como ela se constituiu como uma “fração de classe nas formações sociais dependentes” (p. 237). De acordo com o autor, a análise visa a compreender

a problemática da internacionalização do capital e sua relação com a emergência das burguesias internas; a questão do movimento pendular da burguesia interna como algo característico de seu posicionamento político; e as tensões da burguesia interna com o intervencionismo estatal (MARTUSCELLI, 2020, p. 237).

Encerrando a coletânea, está o artigo sobre a “Revolução Passiva e Dependência no Brasil”, de Luciana Aliaga e Fernanda Peres Maranhão. De forma cronológica, as autoras expõem a “ausência dos caracteres específicos da periferia latino-americana nas traduções da revolução passiva brasileira” (ALIAGA; MARANHÃO, 2020, p. 262), ou seja, as lacunas sobre Gramsci no Brasil. Como conclusão, explicitam uma proposta de agenda de estudos gramscianos no Brasil que se proponha a articular as categorias revolução passiva e dependência (p. 298).

De tudo que apreendemos deste livro, pode-se destacar que as particularidades elementares do capitalismo latino-americano se relacionam com a reprodução da dependência e com a própria reprodução capitalista. A América Latina é o resultado e determinante da constituição do mercado mundial e do desenvolvimento capitalista em escala mundial.

A partir dessa breve exposição, recomendo a leitura deste importante livro às/os leitoras/es. Julgo que o mesmo trata de temas imprescindíveis para a caracterização histórico-estrutural do capitalismo dependente. Em diferentes eixos da nossa determinação, em diferentes períodos da nossa história, a dependência se apresenta. Este livro demonstra isso.

### **Referências:**

ALIAGA, L.; MARANHÃO, F.P. Revolução passiva e dependência no Brasil. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.261-304.

ARAUJO, A.M.M.; SOUZA, D. de O. Superexploração da força de trabalho e saúde: uma aproximação ao debate. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.211-229.

BAMBIRRA, V. O capitalismo dependente latino-americano e sua teoria crítica: uma tentativa preliminar de balanço. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.73-84.

- DOS SANTOS, T. Socialismo e fascismo na América Latina hoje. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.45-71.
- FERNANDES, E.N.; SANTOS, F.T. dos. Renda da terra e a financeirização da agricultura brasileira. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.165-185.
- FIDELIS, T. A lei geral da acumulação capitalista e sua particularidade em condições de dependência latino-americana. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.133-164.
- GOUVEA, M.M. Prefácio: compreender a dependência para combater o desenvolvimentismo. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.11-16.
- MARINI, R.M. O Estado de contrainsurgência. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.25-43.
- MARTUSCELLI, D.E. Burguesia interna e capitalismo dependente: uma reflexão a partir dos casos argentino e brasileiro. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.231-259.
- NASCIMENTO, A.; MAGALHÃES, G. A particularidade do Estado dependente em Ruy Mauro Marini. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.105-132.
- NASCIMENTO, A.; NOGUEIRA, Z. A atualidade da teoria marxista da dependência. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.85-104.
- SILVA FILHO, J.H. A internacionalização da Odebrecht no capitalismo dependente brasileiro. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). **Economia, política e dependência**: contribuições para análise do Estado e da superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente. Maceió: Edufal, 2020. p.187-209.

---

### **Notas**

1 Economista, mestre em Economia, Sociedade e Estado pelo Prolam/USP. Professora Universitária da Universidade Paulista (Unip). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8981514500419733>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5234-9998>. E-mail: [oliveirakfd@gmail.com](mailto:oliveirakfd@gmail.com).

2 Trata-se especificamente da formulação desenvolvida nos trabalhos de André Gunder Frank, Theotônio dos Santos, Vânia Bamberger e Ruy Mauro Marini.

Recebido em: 22 de abr. 2022

Aprovado em: 25 de abr. 2022